

Capítulo Primeiro

1

O berço baloiça por cima de um abismo e o senso comum diz-nos que a nossa vida mais não é do que uma brecha de luz entre duas eternidades de treva. Apesar de gémeas idênticas, vulgar será que o homem olhe com maior calma o abismo pré-natal do que o outro para o qual se dirige (a qualquer coisa como quatro mil e quinhentas batidas de coração por hora). Sei no entanto de um jovem cronóforo que entrou numa espécie de pânico quando viu pela primeira vez cenas filmadas em sua casa, semanas antes de ter nascido. Viu um mundo praticamente igual — a mesma casa, as mesmas pessoas — mas reparou que ele próprio ainda lá não estava nem havia quem lamentasse a sua ausência. De relance viu a mãe dizer adeus na janela do andar de cima, e esse estranho gesto perturbou-o como se fora uma misteriosa despedida. Porém, o que mais o assustou foi a imagem de um carro de bebé com o ar pretensioso, com o ar abusivo de um esquife, novinho em folha e parado no vestíbulo; também ele vazio, como se os seus próprios ossos, nessa corrida inversa de factos, se tivessem desintegrado.

Em vidas jovens, visões destas não são raras. Ou, pondo a questão de outro modo, as primeiras e as últimas coisas tendem a conotar-se de adolescência — a menos que orientadas por uma religião veneranda e sólida. De um homem maduro espera a natureza que ele aceite dois buracos negros, à proa e à ré, tão impassível como aceita as extraordinárias visões do intervalo que entre eles existe. A imaginação,

suprema delícia do imortal e do imaturo, devia ser limitada. Para gozarmos a vida não devíamos gozá-la de mais.

Revolto-me contra este estado de coisas. Sinto que é urgente exteriorizar esta revolta e levá-la a terreno firme. O meu pensamento tem feito um esforço colossal e repetido para destrinçar os mais leves reflexos pessoais na treva impessoal, e em ambos os lados da minha vida. E que esta treva só é feita do muro do tempo que me separa, a mim e a estas minhas mãos douradas, do mundo livre do intemporal, é crença que partilho de bom grado com o selvagem que pintou a pele com a maior ostentação. Tenho feito no passado incursões de espírito — com o pensamento a esvaír-se em desespero, à medida que me vou introduzindo por remotas regiões onde procuro a porta secreta às apalpadelas, e só para concluir que é esférica, a prisão do tempo, e não tem saída. Tudo tentei, excepto o suicídio. Despi-me da identidade para passar a convencional fantasma e deambular por domínios que já existiam antes de me conceberem. Mentalmente tenho sofrido a companhia degradante das romancistas vitorianas e de coronéis aposentados que se lembram de ter sido escravos mensageiros numa estrada romana em vidas anteriores, ou sábios que iam sentar-se à sombra dos salgueiros de Lassa. Tenho feito uma devassa aos meus velhos sonhos, no encaicho de chaves e directrizes — e desde já se diga que rejeito por completo esse banal, mesquinho e sobretudo medievo universo de Freud, com o tortuoso inquérito que faz aos símbolos sexuais (um tanto como procurar acrósticos de Bacon nas obras de Shakespeare) e a espreitadelazinha, com o seu quê de amargo e embrionário, que dá à vida amorosa dos pais para a despojar, depois, de toda a naturalidade.

Ao princípio eu não sabia que o tempo, tão ilimitado à primeira arremetida, era uma prisão. Ao perscrutar a minha infância (a melhor fonte para a pesquisa da própria eternidade), vejo o despertar da consciência como uma descontínua série de instantes com intervalos sucessivamente mais curtos, até se formarem cintilantes blocos de percepção que oferecem à memória um escorregadio suporte. Eu tinha aprendido palavras e números, mais ou menos ao mesmo tempo e desde tenra idade, mas saber a fundo que eu era eu e os meus pais eram os meus pais, ao que parece só mais tarde foi estabelecido, quando passei a associar directamente um conhecimento destes com

a descoberta da relação entre a idade deles e a minha. A julgar pela luz forte que imediatamente me invade a memória quando penso numa tal revelação, pelos salpicos fragmentados de sol que ela exhibe, numa sobreposição de espécies vegetais, o momento pode ter sido o aniversário da minha mãe passado no campo, no Verão anterior, altura em que fiz perguntas e avalei respostas dadas. Tudo exactamente como deve ser, de acordo com a teoria da recapitulação; no cérebro do mais remoto dos nossos ancestrais, o início da consciência reflexiva por certo coincide com um dealbar da sensação de tempo.

E assim, ao confrontar a recente descoberta que era a tenra e enfeitada fórmula da minha própria idade, quatro anos, com os trinta e três e os vinte e sete que eram as fórmulas da idade dos meus pais, qualquer coisa me aconteceu. Sofri um tremendo e revigorante abalo. Como se apanhasse um segundo baptismo ainda mais divino do que o banho da Igreja Ortodoxa àquele berrão meio afogado e meio Victor, cinquenta meses atrás (pela porta semifechada a minha mãe ia corrigindo os erros ao titubeante padre Konstantin Vetvenitski, arquipresbítero, pois um velho costume obrigava os pais a porem-se de parte), senti-me de repente mergulhado num meio radioso e móvel que não passava, afinal, da genuína componente do tempo. Compartilhava-a — como excitados banhistas compartilham a resplandecente água do mar — com criaturas que apenas se iam juntar a nós por causa desse comum fluir do tempo, meio envolvente a diferir em tudo desse mundo espacial que o homem, e não só, macacos e borboletas também, pode sentir. Nesse instante tive profunda consciência de que era minha mãe aquele ser com vinte e sete anos, vestida de suave branco e cor-de-rosa, a agarrar-me na mão esquerda; que era meu pai o outro, com trinta e três, de branco imaculado e ouro, a agarrar-me na direita. Entre eles, a andarem ambos de passo igual, fui vaidoso e apressado, fui, sim senhor, e tornei a sê-lo quando saltitava de mancha em mancha de sol pelo meio do caminho que hoje facilmente identifico com uma alameda de ornamentais carvalhos, em Vyra, no parque da nossa propriedade rural na antiga província de São Petersburgo, Rússia. Na verdade, do cimo remoto e isolado onde me encontro agora, quase inabitado de tempo, vejo o meu ego diminuto a celebrar o nascimento da vida sensível nesse dia de Agosto de 1903. E se no universo vago da minha infância já estava presente quem me agarrava ali pelas duas

mãos, certo é que o fazia sob a máscara de um suave incógnito; o resplandecente uniforme da Guarda Montada que o meu pai usava surge agora como o Sol e põe-lhe o ouro de uma couraça elegante a cintilar no peito e nas costas; durante vários anos ainda alimentei um muito agudo interesse pela idade dos meus pais, e andei informado a respeito dela, como aquele passageiro frenético que só perguntava as horas para atestar qualidades ao seu relógio novo.

De passagem se diga que o meu pai tinha feito a sua tropa muito antes de eu nascer, e assim sendo só por brincadeira lhe dava nesse dia para usar enfeites do antigo regimento. Devo a uma brincadeira, portanto, aquela cintilação primeira de uma consciência total; que volta a mostrar-se recapituladora de implicações, pois os primeiros seres da terra a terem consciência do tempo também foram os primeiros a saber sorrir.

2

A caverna primordial (e não aquilo que os místicos freudianos podem ser levados a imaginar) serve de fundo às brincadeiras dos meus quatro anos. Em Vyra, o divã enorme forrado a cretone branco com trevos pretos de uma das salas de estar, antes do começo da história, emerge do meu pensamento como produto maciço de um cataclismo geológico. A história (a prometer uma iluminada Grécia) começa não muito longe da ponta desse divã, onde um grande vaso de hortênsias floridas de azul-claro e verde semioculta o pedestal com o busto em mármore de Diana. Atrás do divã, a gravura cinzenta com moldura de ébano assinala na parede uma outra fase da história — um desses quadros napoleónicos onde o verdadeiro adversário da batalha é episódico e alegórico, onde um só plano de visão agrupa o tamborileiro ferido, o cavalo morto, troféus, o soldado de baioneta em riste e até mesmo o imperador invulnerável posto em pose com os seus generais, no meio da refrega congelada.

Com a ajuda de umas tantas pessoas crescidas que podiam usar primeiro as duas mãos e depois a perna forte, viria o divã a afastar-se bastante da parede para fazer a passagem estreita que iriam depois ajudar-me a amaciar com almofadas e a fechar nas pontas com um

par de coxins de encosto. Eu tinha o prazer fantástico de gatinhar naquele túnel escuro como breu, demorar-me nele um pouco para ouvir os ouvidos apitarem — a vibração bem conhecida dos meninos que costumam esconder-se em poeirentos lugares — e então explodia dentro de mim um pânico que era uma delícia, e eu deixava-me cair de mãos e joelhos com um baque surdo, para me encaminhar até ao fim do grande túnel, empurrar para fora o coxim e ser bem recebido pela malha de sol no chão de tacos, debaixo da cadeira vienense de palhinha, e por duas moscas travessas que lá iam sossegando, à vez. Mais delicada e onírica era porém a sensação doutra brincadeira de cavernas, quando eu, ao acordar, de manhã cedo, fazia com os lençóis uma tenda e deixava a imaginação soltar-se num milhar de caminhos escurecidos pela sombria derrocada de linho e a tamisada luz, que vinha de muito longe, ao que parecia, para entrar no abrigo de penumbra que a minha fantasia povoava de estranhos animais errantes, numa paisagem de lagos. Relembrar a cabana com paredes laterais de algodão felpudo também me recorda o prazer de agarrar em determinado ovo muito belo e de solidez encantadora, cristal cor de granada que era sobra de uma Páscoa impossível já de situar. Eu mordida a ponta do lençol até ficar bem molhada, embrulhava o ovo e depois apertava-o para admirar e relamber o brilho rosado e quente que as suas facetas totalmente cobertas filtravam através do pano, com uma perfeita e miraculosa cintilação de cor. Mas isto ainda não era o máximo, como alimento de beleza.

Pelo modo como se exprime em palavras, que pequeno cosmo este (poderia entrar numa bolsa de canguru) de uma só lembrança individual, que frágil e mesquinho, se posto a par da consciência humana! Serei talvez desmesuradamente apaixonado pelas sensações mais remotas, mas com motivos para sentir tal gratidão. Levaram-me através de sensações visuais e tácteis, pelo caminho de um verdadeiro Paraíso. Estava eu de viagem numa noite de Outono de 1903 e lembro-me de que ajoelhei no travesseiro (achatado) da janela de uma carruagem-cama (com certeza nesse comboio de luxo do Mediterrâneo há tanto tempo extinto, o que era pintado a cor de ferrugem na parte de baixo das seis carruagens e tinha janelas cremes) e, inexplicavelmente angustiado, vi um punhado de luzes fantásticas a dizerem-me adeus de uma colina distante e logo de seguida a desli-